

Teatro

14, 15, 16 Julho 2011

# Mission Drift

## Desvio da Missão

Um espectáculo the TEAM

Integrado no Festival de Almada

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Texto** the TEAM **em colaboração com** Heather Christian e Sarah Gancher  
**Música** Heather Christian **Letras** Heather Christian e the TEAM **Encenação** Rachel Chavkin  
**Cenário** Nick Vaughan **Figurinos** Brenda Abbandandolo **Desenho de som** Matt Hubbs  
**Desenho de luz** Jake Heinrichs **em colaboração com** Seán Linehan  
**Com** Libby King (Catalina Rapalje), Brian Hastert (Joris Rapalje), Heather Christian (Miss Atomic), Mikhaal Sulaiman (Chris/Atiatonharónkwen), Amber Gray (Joan)  
**Músicos** Matthew Bogdanov (Bateria), Gabriel Gordon (Guitarra e Baixo)  
**Direção de Cena** Dave Polato **Director Técnico** Joseph Cantalupo **Produção** Nate Koch  
**Representante para a digressão** Michael Mushalla/Double M Arts & Events  
**Apoio** Greenwall Foundation, Panta Rhea Foundation, JMJ Family Fund, National Endowment for the Arts, New York State Council on the Arts, Almeida Theatre, Performance Space 122, Jerome Foundation e Culturgest.  
A digressão europeia de Verão teve o apoio de Mid Atlantic Arts Foundation através da USArtists International em associação com National Endowment for the Arts e Andrew W. Mellon Foundation.  
O espectáculo foi desenvolvido em: Battersea Arts Centre no Forest Fringe, Almeida Theatre (Londres), BRICStudio (Brooklyn), University of Nevada Las Vegas, Swing Space do LMCC (Governors Island), Orchard Project, Ice Factory Festival do Soho Think Tank e ArtsEmerson.

**Qui 14, Sex 15, Sáb 16 de Julho**  
**21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h55 · M12**

## Notas de Encenação

Começámos oficiosamente a trabalhar em *Mission Drift* em Maio de 2008. Na altura pedi à companhia que pensasse na questão: “O que é que distingue o capitalismo americano?” Não me lembro do que me levou a esta pergunta. Nascia em parte de um tema que começámos a explorar quando criámos *Architecting*, a nossa peça anterior (apresentada na Culturgest em Novembro de 2009): o capitalismo de desastre. Nessa peça, Rhett Butler e Scarlett O’Hara são retratados como os sobreviventes americanos por excelência, heróis capitalistas – é só por causa do seu instinto que sobrevivem à mudança e violência generalizadas da Guerra Civil Americana.

E por esta altura, em 2008, o Jake Margolin (*performer* e autor de the TEAM) referiu o seu interesse em investigar westerns. Tinha ficado viciado na leitura de romances de cowboys, achando o género inebriante.

A companhia começou então o seu processo inicial de oficina, lendo e vendo tudo o que estivesse relacionado, ainda que remotamente. E depois houve o *crash* da bolsa em Setembro, e a cerca de 4000 quilómetros, o tapete fugiu de baixo dos pés da economia de Las Vegas.

Na altura não sabíamos.

Em Janeiro de 2009 começámos a produzir material para a peça, e distribuí uma série de projectos de pesquisa. O Jake Margolin voltou a referir uma coisa que o interessava particularmente, neste caso a cidade de Las Vegas: a cidade que mais rapidamente cresceu na América da viragem do milénio e agora o epicentro da crise imobiliária.

Isto proporcionou um ponto de ancoragem à volta do qual construiríamos a peça. O outro surgiu de um livro que eu li chamado *The Island at the Center of the World: The Epic Story of Dutch Manhattan and the Forgotten Colony that Shaped America*. Fiquei a saber a história de Catalina e Joris Rapalje, considerados os Adão e Eva holandeses, colonos dos primeiros tempos que viriam a ter mais de um milhão de descendentes, incluindo supostamente o homem que disparou o primeiro tiro na Revolução Americana.

Este tornou-se o nosso segundo ponto de ancoragem.

*Mission Drift* já se chamou *Bowling for Dollars: A Western, To the Boys and Girls in America I am Taking a Sick Day* e *The American Capitalism Project*.

Em Junho de 2010 viajámos para Las Vegas para uma residência de um mês, durante a qual fizemos visitas de estudo diárias nesta estranha cidade. A cada tarde voltávamos à sala de ensaio para produzir material inspirado pelos nossos encontros. Ficámos a saber da relação da cidade com a Área de Testes do Nevada, a apenas 100 km para norte, onde testaram bombas atómicas durante os anos 50 e 60. Visitámos uma exploração suíncola com 60 anos – o que para Las Vegas é velho – que está agora a ser multada porque os novos donos de casas em condomínios fechados construídos quase em cima da exploração se começaram a queixar do cheiro. Visitámos a Springs Preserve, e ficámos a saber que Las Vegas fora um vale verde e exuberante.

Ao pensar agora na nossa questão inicial, “O que é que distingue o capitalismo americano?”, não consigo tirar

da cabeça a imagem do mapa do nosso país. Somos tão grandes. Frederick Jackson Turner em *The Significance of the Frontier in American History* escreveu que a história do desenvolvimento do país é a história de colonos que avançam cada vez mais para Oeste, tornando-se assim menos europeus e mais americanos. Há nisto algo de simultaneamente doloroso e ousado.

E durante centenas de anos houve um sentimento disseminado de que o país era suficientemente grande para que cada um procurasse infinitamente o lucro sem prejudicar mais ninguém. Isto era obviamente um mito mesmo nos séculos XVIII e XIX, e a sua falsidade é sublinhada pelas taxas de desemprego actuais e pelos efeitos da recessão visíveis em todo o lado.

*Mission Drift* não é uma análise directa do colapso financeiro. Ocupa ao invés este espaço entre o mito da fronteira e a realidade dos seus custos, que é a corrente subterrânea de grande parte da identidade americana.

Rachel Chavkin  
Directora Artística



## Glossário

(Não estamos a ser poéticos)

### Las Vegas

#### Água

Las Vegas quer dizer “os prados”. Era o local de uma enorme nascente no deserto descoberta por um batedor mexicano chamado Rafael Rivera que, em 1829/1830, andava à procura de água no deserto do Mojave. Inicialmente foi uma paragem para os viajantes a caminho da Califórnia, mas a cidade tornou-se uma terra de jogo no início dos anos 1930, quando milhares de trabalhadores chegaram para construir ali perto a barragem Hoover, com salários e sem sítio onde os gastar. A nascente no deserto secou devido a excesso de utilização em 1962.

#### Máfia

Em 1946, Bugsy Siegel e Meyer Lansky (dois conhecidos patrões da máfia) construíram o Flamingo onde é agora o Las Vegas Strip, inaugurando uma era de casinos controlados pela máfia. Esta foi a primeira idade de ouro para Las Vegas: dinheiro e estrelas de cinema choviam vindos de Los Angeles, e os trabalhadores na cidade recordam com saudade o estilo de gestão “familiar” da máfia. O nome do hotel deve-se à alcunha que Siegel dava às pernas da namorada.

#### Mórmones

Ao longo dos anos 50 e 60, a máfia canalizou dinheiro através de bancos controlados por mórmones e aliou-se a

“elders” mórmones com poder em Las Vegas para dar um verniz de legitimidade às suas operações. Os mórmones continuam a ser um grupo poderoso nos negócios e na política locais.

#### Área de Testes do Nevada

Estabelecida em 1951 como zona de testes nucleares, 100 km a norte de Las Vegas. Os testes atmosféricos decorreram até ser assinado em 1963 o tratado de Interdição Parcial de Testes Nucleares. As forças armadas americanas e os cientistas atómicos foram uma presença importante em Las Vegas ao longo deste período, e espiões da União Soviética juntaram-se aos mafiosos e aos mórmones na cidade.

#### Miss Atómico

A indústria de entretenimento e hotelaria em Las Vegas aproveitou os testes nucleares que decorriam a norte. Abundavam as festas atómicas, com os hotéis a publicarem o horário dos testes e servindo “cocktails atómicos” especiais até de madrugada. Logo em 1952, começaram a ter lugar na cidade concursos de beleza para eleger a “Miss Bomba Atómica”.

#### Howard Hughes

Aviador e magnata empresarial americano, mudou-se para o hotel Desert Inn em 1966, comprou-o e depois desatou a adquirir casinos. Acabou por deter uma quantidade tal das empresas de jogo da cidade que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos o processou por posição monopolista. Hughes representou uma transição significativa da máfia para uma era de negócios mais legítimos em Las Vegas.

#### Steve Wynn

Steve Wynn pegou onde Hughes tinha ficado e inaugurou a era empresarial de Las Vegas. Começando com as obras do Golden Nugget em 1977, o jovem empreendedor trouxe para a cidade investidores de Wall Street e uma clientela diferente. O Mirage, acabado em 1989, foi o mais caro hotel-casino até à data, e o primeiro a ser financiado usando obrigações especulativas. O valor de Wynn estima-se actualmente em 1,5 mil milhões de dólares, possuindo vários casinos e estâncias de luxo em Las Vegas e Macau.

#### Implosões

Começando em meados dos anos 90, os velhos casinos começaram a ser terraplanados para arranjar espaço para

“mega-resorts” mais recentes. Fazendo justiça ao estilo da cidade, estes edifícios não foram simplesmente demolidos; a sua destruição foi transformada em gigantescos espectáculos de fogo-de-artifício culminando na implosão. Recomendamos o visionamento de [www.vegas.com/lounge/implosions.html](http://www.vegas.com/lounge/implosions.html)

#### Crescimento Imobiliário

Las Vegas era a cidade americana de mais rápido crescimento na viragem do milénio. No pico da expansão havia mais de 34.000 casas vazias em Las Vegas, com 20 condomínios fechados de mais de 120 hectares cada um a serem construídos só em 2005. A expansão foi alimentada tanto pelos especuladores como pelo crescimento populacional explosivo da cidade.



### Efeitos do *Crash* do Imobiliário

Las Vegas foi uma das cidades mais atingidas pela crise financeira de 2007/2008 e pelo *crash* do mercado imobiliário que se lhe seguiu. Tem agora a mais alta taxa de execuções hipotecárias do país.

### CityCenter

O maior projecto imobiliário financiado por privados na História dos Estados Unidos. Complexo gigantesco no Las Vegas Boulevard, tem uma área superior a 1,5 milhões de metros quadrados. Inicialmente uma parceria entre a Dubai World e a MGM International, o projecto deparou-se com enormes problemas financeiros durante o *crash*. A Dubai World processou a MGM por causa da sua gestão do projecto. As duas acabaram por chegar a acordo e o processo foi abandonado, mas o projecto (e a MGM) continuam a ser assolados por problemas financeiros.

### Neon Boneyard

Museu de Las Vegas dedicado à preservação dos letreiros de casinos demolidos.

### História Americana

#### “Shining City on a Hill”

Em 1630, o pregador puritano John Winthrop fez o seu famoso sermão da “Cidade na Colina”, profetizando que a colónia da Baía de Massachusetts seria uma “cidade resplandecente” que guiaria o mundo no caminho da rectidão. Este sermão permanece um alicerce da identidade americana mítica e política, e é um exemplo resplandecente do excepcionalismo americano. No século XX, a

imagem foi invocada tanto por John F. Kennedy como por Ronald Reagan em comunicações ao país.

### Destino Manifesto

Ideologia de expansionismo e excepcionalismo americano muito popular no século XIX. Defendia que a expansão dos Estados Unidos de costa a costa era inevitável, e foi usada como justificação para várias guerras, em particular para a opressão e assassinio das populações nativas.

### Companhia Holandesa das Índias Ocidentais

Uma das primeiras companhias multinacionais do mundo, com títulos negociados publicamente. Fundaram a colónia de Nova Amesterdão (a actual Nova Iorque) como entreposto comercial, especificamente para a obtenção de peles trocadas com as tribos ameríndias. A colónia era desorganizada, com maior tolerância religiosa e moral do que as colónias britânicas da mesma altura, e com gente de proveniências tão diversas como a América actual.

### Peregrinos e Puritanos

Os puritanos eram na sua maioria protestantes ingleses que escaparam da perseguição religiosa na Europa. Talvez seja irónico que tenham fundado algumas das comunidades mais repressivas na América dos primeiros tempos, principalmente na zona a que chamaram “Nova Inglaterra”.



---

## The TEAM

---

The TEAM (Theatre of the Emerging American Moment) é uma companhia nova-iorquina que cria colectivamente obras para dissecar e celebrar a experiência de viver na América hoje.

Concebem peças através da análise de múltiplos materiais, desde textos existentes (ficção, teoria, teatro, etc.) a imagens provenientes das artes visuais e do cinema, e depois combinando essa pesquisa com escrita e encenação originais. O seu trabalho combina um atleticismo agressivo com análises delicadas dos factores sociais e políticos que moldam o mundo de hoje, mantendo o cérebro, olhos e coração do público constantemente estimulados. Por vezes um concerto rock, noutras um acontecimento desportivo, the TEAM já foi descrito como o cruzamento da *avant-garde* com a MTV. O teatro que fazem não nega a sua juventude. Os espectáculos são imparáveis por necessidade, executando múltiplas tarefas entre comentários hiper-intelectuais e uma fisicalidade exuberante; não sabem outra forma de se comportar. Com suor e humor, as peças de the TEAM sustentam a fragilidade e poesia do corpo e espírito humanos.

Triplos vencedores do prémio Fringe First do Festival de Edimburgo, integraram a lista de espectáculos do ano da *Time Out - Nova Iorque* em 2007 e do *Público* em 2009 (pela apresentação na Culturgest de *Architecting*). Os seus espectáculos foram vistos nalguns dos mais importantes teatros de Nova Iorque e tiveram digressão nacional e internacional. Criaram as seguintes produções:

*Faster, HOWL, Give Up! Start Over (In the darkest of times I look to Richard Nixon for hope)!, A Thousand Natural Shocks, Particularly in the Heartland e Architecting.*

Para mais informação: [theteamplays.org](http://theteamplays.org)

## Próximo espectáculo

# Steve Paxton

### Conferência/Demonstração Qui 20 Julho

Pequeno Auditório · 18h · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.



© Mariana Costa

---

### Iniciativa c.e.m - centro em movimento

Steve Paxton: uma referência fundamental da dança contemporânea; um dos fundadores do Judson Dance Theatre, fonte de criações colectivas que lançaram as raízes da dança pós-moderna.

No seu percurso sempre se dedicou ao estudo do corpo e do movimento, desfazendo barreiras entre o bailarino e o não bailarino e elaborando práticas que continuam a constituir matéria fundamental na organização do trabalho de corpo como o Contact Improvisation ou Material for the Spine. Um apuramento de um percurso dedicado à dança e à escrita que provém de uma investigação continuada na escuta do movimento, da sua complexa configuração anatómica e da prática de meditação em profunda relação com a vida. O seu trabalho enquanto criador, bailarino e professor é conhecido por todo o mundo mantendo uma colaboração com artistas como Robert Ashley, Trisha Brown, Boris Charmatz, Kathy Duck, Lisa Nelson ou Vera Mantero.

Actualmente as suas deslocações são cada vez mais raras e, assim, mais preciosas.

Para o c.e.m a vinda de Steve Paxton a Portugal cria um momento ímpar no depuramento da investigação artística que trabalhamos; para a comunidade em geral é uma oportunidade única de aprendizagem e partilha no convívio com este grande artista, pela sua humanidade, coerência e clareza.

Steve Paxton estará em Portugal para esta Conferência/Demonstração, acolhida pela Culturgest, e também para o curso Material for the Spine que se insere no FC Verão 2011 - 8º curso internacional de artes performativas, uma parceria entre o c.e.m - centro em movimento e o Fórum Dança.

A vinda de Steve Paxton a Portugal é uma iniciativa do c.e.m - centro em movimento em colaboração com o Fórum Dança, com o apoio da Culturgest.

Mais informações em [www.c-e-m.org](http://www.c-e-m.org), [cem@c-e-m.org](mailto:cem@c-e-m.org) e 21 887 19 17

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Duarte

estagiária

##### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

##### Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

##### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

##### Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

##### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

##### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

##### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

##### Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

##### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

##### Frente de Casa

Rute Sousa

##### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

##### Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

##### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

##### Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---